

Espiritualidade e saúde: o *modus operandi* de Jesus em Mc 1,32-39

Spirituality and health: the *modus operandi* of Jesus in Mk 1.32-39

João Luiz Correia Júnior*

Resumo

O tema deste artigo é sobre o modo como Jesus agia em sua missão evangelizadora que consiste, segundo os Evangelhos, na restauração da saúde das pessoas em suas inúmeras enfermidades. Qual a fonte de energia utilizada por Jesus para exercer a sua missão salvífica? Qual a Boa-Nova contida nessa missão que deve ser tomada como ensinamento para o discipulado de Jesus e para a prática cristã? O objetivo desta pesquisa é demonstrar a íntima relação entre espiritualidade e saúde na prática messiânica de Jesus. A metodologia utilizada tem como ponto de partida a análise literária de Mc 1,32-39, na perspectiva de uma hermenêutica teológica atualizada que ajude a perceber elementos da ação salvífica de Jesus, relevantes para a ação pastoral evangelizadora no tempo presente. Os resultados apontam que a atividade messiânica de Jesus, comprometida com a restauração da saúde das pessoas, teve como suporte uma espiritualidade alimentada pela mística da oração pessoal de intimidade com Deus. Essa espiritualidade voltada para a saúde pode ser tomada como um paradigma sugerido pelo Evangelho segundo Marcos para o *modus operandi* dos discípulos e discípulas de Jesus. Hoje, já se entende a saúde como um lugar teológico, tema relevante para a Teologia da Saúde.

Palavras-chave: Religião Cristã. Teologia. Bíblia. Novo Testamento. Jesus Cristo.

Abstract

The subject of this article is about the way Jesus acted in his evangelizing mission which, according to the Gospels, consists in restoring people to health in their numerous infirmities. What is the source of energy used by Jesus to carry out his saving mission? What is the Good News contained in this mission that should be taken as a teaching for the discipleship of Jesus and for Christian practice? The objective of this research is to demonstrate the intimate relationship between spirituality and health in the messianic practice of Jesus. The methodology used has as its starting point the literary analysis of Mk 1,32-39, in the perspective of an updated theological hermeneutic that helps to perceive elements of the salvific action of Jesus, relevant for the evangelizing pastoral action in the present time. The results show that the messianic activity of Jesus, committed to the restoration of people's health, was supported by a spirituality fed by the mystique of personal prayer of intimacy with God. This health-oriented spirituality can be taken as a paradigm suggested by the Gospel according to Mark for the *modus operandi* of the disciples of Jesus. Today, health is already understood as a theological place, a relevant theme for the Theology of Health.

Keywords: Christian Religion. Theology. Bible. New Testament. Jesus Christ.

Artigo submetido em 30 de agosto de 2021 e aprovado em 15 de julho de 2022.

* Doutor em Teologia pela PUC-Rio. Professor Titular e Pesquisador da UNICAP. País de origem: Brasil. E-mail: joao.correia@unicap.br

Introdução

O *modus operandi* de Jesus nas narrativas dos Evangelhos denota uma correlação profunda entre o cultivo de uma mística própria dentro da espiritualidade judaica e a solidariedade compassiva que restaura a saúde das pessoas. O Evangelho segundo Marcos (Mc), de modo particular, apresenta esse modo de ação de Jesus como centro de sua atividade missionária, inaugurando os novos tempos messiânicos, por meio de narrativas que têm “verossimilhanças”¹ com a realidade histórica². Desse modo, detectar aspectos importantes da narrativa sobre a atuação de Jesus em Mc 1,32-39 revela o ponto de vista peculiar da obra marcana.

Toda narrativa é, de alguma forma, uma interpelação da realidade. Para uma melhor compreensão sobre a atuação de Jesus e seu compromisso com os mais pobres da Galileia do século I, é importante ter presente a situação socioeconômica daquele contexto. As aldeias se sustentavam basicamente da agricultura familiar e viviam sob pressão: a) do Império Romano, que forçava a cobrança de pesados impostos taxados sobre a produção; b) das cidades reais recém (re)construídas que impunham uma produção agrícola para a sustentação dos habitantes desses centros urbanos. Nesse contexto, “Jesus deve ser compreendido como o líder profético de um movimento de renovação israelita baseado nas aldeias, as unidades fundamentais da vida social.” (HORSLEY, 2000, p. 166).

A desintegração social das aldeias era evidente. As melhores terras passavam gradativamente para as mãos de famílias mais abastadas (uma minoria protegida pela administração romana), pois os antigos proprietários vendiam suas terras para saldar suas dívidas. A maior parte do terreno era de difícil cultivo,

¹ “Verossimilhança” é a qualidade ou o caráter do que é verossímil, semelhante à verdade (FERREIRA, 2010, p. 779, verbetes “verossimilhança”, “verossímil”). A verossimilhança é uma expressão própria do universo narrativo oral (contação de histórias) e escrito (arte literária). Em literatura, de acordo com o filósofo e escritor Nicola Abbagnano (1901-1990), “uma narrativa seja um romance ou uma tragédia, pode ser verossímil sem ser minimamente provável, sem que exista qualquer probabilidade de que os fatos mencionados se tenham verificado ou venham a verificar-se” (ABBAGNANO, 2003, p. 1000, verbe “verossímil”).

² Como esclarecem Daniel Marguerat e Yvan Bourquin, “O conceito literário de história contada mantém-se no mundo narrativo, sem prejudicar da sua confrontação com uma reconstrução de tipo histórico. A história contada constitui, assim, o filme dos acontecimentos tal como o narrador decidiu comunicá-lo ao leitor (ou, se for o caso, tal qual ele o representou para si mesmo). A verificação do tipo histórico requer uma documentação exterior à narrativa, sobre a qual a análise narrativa não pretende se pronunciar.” (MARGUERAT; BOURQUIN, 2009, p. 33).

com problemas provenientes do clima (as secas eram frequentes), além dos advindos de catástrofes naturais (VIDAL, 2009, p. 25).

Isso tudo reverbera na qualidade de vida das pessoas e nas condições de saúde da grande multidão de excluídos sociais, abandonados à própria sorte como um rebanho sem pastor. Só para citar alguns mais evidentes: a) o endividamento e empobrecimento progressivo dos camponeses por conta do rígido sistema de impostos diretos (sobre as pessoas físicas e as propriedades) e sobre os impostos indiretos (sobre o comércio e as transações comerciais), além dos impostos dedicados ao Templo e aos sacerdotes; b) os árduos trabalhos no campo, para suprir a demanda familiar e a das cidades, o que deve ter trazido atrofias físicas e adoecimentos constantes; c) a baixa autoestima e a revolta generalizada, oriundas das agressões sofridas por atentados contra o direito ao desfrute da terra, equivalia a um atentado direto contra a justiça de Deus. De um modo geral, os pobres formam o conjunto desse povo humilhado e sem-terra, que se vende como diarista quando aparece algum trabalho e que espera a ação libertadora do Deus da justiça para restabelecer seu direito extirpado violentamente (VIDAL, 2009, p. 26).

Tendo presente esse contexto real desafiador, Marcos apresenta Jesus em contato constante com pessoas enfermas, que acorriam a ele como um homem de Deus capaz de curar com poder divino, por meio de um amplo material narrativo. Esses relatos fazem parte do gênero literário chamado de “narrativas de milagres”³. As curas e exorcismos formam a grande parte do material narrativo de Marcos⁴.

³ Gerd Theissen e Annette Merz (2002, p. 316-320) apresentam subgêneros de relatos ou narrativas de milagres: exorcismos (expulsão de um demônio do corpo de uma pessoa possuída); terapias (cura provocada pela transferência de uma energia miraculosa do taumaturgo para o doente); milagres de normas (servem para embasar normas, punir infrações de normas ou recompensar seu cumprimento; exemplo, a maldição contra a figueira: Mc 11,12-14.20ss; na cura de uma mão parálitica, em dia de sábado: Mc 2,23ss); milagres de dádivas (multiplicação de pães; pesca miraculosa; o vinho em Caná); milagres de resgate (o cessar da tempestade; o andar sobre as águas) e epifanias (Jesus aparece transfigurado no Tabor ou glorificado, após a ressurreição). Neste artigo, o interesse recai sobre narrativas de curas e exorcismos.

⁴ Seguindo a classificação sobre relatos de curas e exorcismos de Jesus, feita por Rinaldo Fabris (2014, p. 480-481) e, conforme quadro sinótico de Luís Schiavo e Valmor da Silva (2000, p. 123-125), tem-se o seguinte:

- a) cinco sumários de curas e exorcismos: Mc 1,32-34; Mc 1,39; Mc 3,7-12; Mc 6,5-6; Mc 6,53-56.
- b) nove curas: a sogra de Pedro (Mc 1,29-31); o leproso (Mc 1,40-45); o parálitico (Mc 2,1-12); o homem com a mão atrofiada (Mc 3,1-6); a filha de Jairo (Mc 5,21-24. 35-43); a mulher com hemorragia (Mc 5,25-34); o surdo-gago (Mc 7,31-37); o cego de Betsaida (Mc 8,22-26); o cego Bartimeu (Mc 10,46-52).
- c) quatro exorcismos: o endemoninhado na sinagoga (Mc 1,23-28); o endemoninhado geraseno (Mc 5,1-20); a filha endemoninhada da mulher siro-fenícia (Mc 7,24-30); o epilético endemoninhado (Mc 9,14-29).
- d) Obs.): até os discípulos de Jesus realizam curas: Mc 3,14; Mc 6,7-13.

Dessas narrativas, pode-se perceber o apreço da comunidade em que surgiu o evangelho de Marcos pela prática do cuidado de Jesus, como também encontrar nelas o espelhamento das práticas das primeiras comunidades cristãs. De acordo com Ched Myers (1992, p. 187-190), é interessante fazer a leitura das narrativas de curas e exorcismos de Jesus como “ações simbólicas” que despertem um sentido novo no contexto em que foram escritas e sirvam como discurso simbólico que faça sentido nos diversos contextos em que forem lidas, também, para o nosso.

Neste artigo, o ponto de partida será o primeiro capítulo de Marcos, que narra o início da missão em dia de sábado, por meio do ensinamento e do exorcismo realizado na Sinagoga da cidade de Cafarnaum (Mc 1,21-28) e da cura da sogra de Pedro (Mc 1,29-31) na casa dela, e culmina com inúmeras curas ao entardecer, diante da cidade inteira, em ambiente público (Mc 1,32-39).

A perícope que serve de base para este estudo é Mc 1,32-39. Em busca de averiguar a unidade indissolúvel entre espiritualidade e saúde, apresenta-se, num primeiro momento, o *modus operandi* de Jesus por meio de uma breve análise literária de Mc 1,32-39. A partir daí, busca-se fazer uma reflexão teológica sobre o tema, demonstrando que a relação entre espiritualidade e saúde é de suma importância para a prática cristã em sociedade.

1 Espiritualidade e saúde em Mc 1,32-39

A perícope⁵ que serve de base para este artigo, em Marcos (1,32-39), institui um paralelo com os demais Evangelhos Sinóticos, em Lucas (4,40-44) e em Mateus (8,16)⁶. Marcos, situa Jesus no fim do seu primeiro dia de atividade messiânica, depois do pôr-do-sol, quando terminava a obrigação do repouso sabático. Eis as perícopes, colocadas em paralelo, a partir da tradução da Bíblia de Jerusalém (2002):

⁵ A palavra “perícope” refere-se a um trecho, com sentido completo, selecionado de uma obra literária para alguma finalidade.

⁶ “Evangelhos Sinóticos”. Dos quatro evangelhos, Mc, Mt e Lc apresentavam grandes semelhanças entre si, de tal forma que se colocados numa tabela comparativa ou sinopse (visão conjunta), tais semelhanças serão claramente vistas. A palavra vem do grego, *syn* (junto) + *opsis* («ver»). Há teorias que explicam a “Questão Sinótica. Uma excelente síntese está em KONINGS (2011, p. 136-144). Sobre esse tema, os assuntos neles abordados correspondiam quase inteiramente. Ou seja, são classificados assim, por fazerem parte em uma mesma visão, mesmo ponto de vista.

Tabela 1

Mc 1,32-39	Lc 4,40-44	Mt 8,16
<p><u>Primeira parte (1,32-34)</u></p> <p>32 Ao entardecer, quando o sol se pôs, trouxeram-lhe todos os que estavam enfermos e endemoninhados. 33 E a cidade inteira aglomerou-se à porta. 34 E ele curou muitos doentes de diversas enfermidades e expulsou muitos demônios. Não consentiu, porém, que os demônios falassem, pois eles sabiam quem era ele.</p>	<p>40 Ao pôr-do-sol, todos os que tinham doentes atingidos de males diversos traziam-nos, e ele, impondo as mãos sobre cada um, curava-os.</p> <p>41 De grande número também saíam demônios gritando: “Tu és o Filho de Deus!” Em tom ameaçador, porém, ele os proibia de falar, pois sabiam que ele era o Cristo.</p>	<p>16 Ao entardecer, trouxeram-lhe muitos endemoninhados e ele, com uma palavra, expulsou os espíritos e curou todos os que estavam enfermos, a fim de se cumprir o que foi dito pelo profeta Isaías:</p> <p><i>“Tomou nossas enfermidades e carregou nossas doenças”.</i></p>
<p><u>Segunda parte (1,35)</u></p> <p>35 De madrugada, estando ainda escuro, ele levantou e retirou-se para um lugar deserto e ali orava.</p>	<p>42a Ao raiar do dia, saiu e foi para um lugar deserto.</p>	
<p><u>Terceira parte (1,36-39)</u></p> <p>36 Simão e os seus companheiros o procuravam ansiosos 37 e, quando o acharam, disseram-lhe: “Todos te procuram”. 38 Disse-lhes: “Vamos a outros lugares, às aldeias da vizinhança, a fim de pregar também ali, pois foi para isso que eu saí”. 39 E foi por toda a Galileia, pregando em suas sinagogas e expulsando os demônios.</p>	<p>42b As multidões puseram-se a procurá-lo e, tendo-o encontrado, queriam retê-lo, impedindo-o que as deixasse.</p> <p>43 Ele, porém, lhes disse: “Devo anunciar também a outras cidades a Boa Nova do Reino de Deus, pois é para isso que fui enviado”. 44 E pregava pelas sinagogas da Judeia.</p>	

Fonte: Elaborada pelo autor.

Como se percebe acima, Mc 1,32-39 é uma perícopes que pode ser dividida em três partes ou subunidades:

- 1) relatos de curas ao entardecer (1,32-34);
- 2) momento de intimidade com Deus (1,35);
- 3) expansão da missão (Mc 1,36-39).

A primeira parte (Mc 1,32-34) relata que, ao entardecer, depois do pôr do sol, isto é, ao término da obrigação do repouso sabático que começa com o surgimento das primeiras estrelas, trouxeram-lhe “todos” os que estavam “enfermos e endemoninhados”. E a cidade “inteira” aglomerou-se à porta da casa onde ele estava.

Nessa passagem, encontram-se alguns aspectos pitorescos próprios que diferem da narrativa em Mateus e Lucas:

- Marcos amplia a cena de forma exagerada, ressaltando que trouxeram a Jesus “todos” os que estavam enfermos e endemoninhados, e “a cidade inteira” aglomerou-se à porta da casa onde Jesus estava.
- Chama a atenção que, em Marcos, Jesus curou “muitos” deles (em grego, *pollus*). Não está escrito que ele curou “todos” (em grego, *pántos*).
- Em Marcos, percebe-se a citação associada das palavras “enfermos/doentes” e “endemoninhados”, aqui, em Mc 1,32.34, e em outros trechos desse evangelho (Mc 3,10-11; 6,13). Distingue-se a enfermidade de possessão demoníaca, mas ambas são mencionadas juntas.
- E não permitiu que os demônios falassem porque sabiam quem era ele.

Na segunda subunidade da perícopa em estudo, Jesus se retira para orar (Mc 1,35). Este versículo ocupa lugar central, o que denota a importância da oração na narrativa de Marcos sobre Jesus. O intuito é, provavelmente, ressaltar que a missão deve ser alimentada pela oração.

A oração da manhã é conhecida como um costume na Religião de Jesus, o Judaísmo. Mas ressalta-se na narrativa uma dupla indicação de tempo, em que a segunda dá informação sobre a primeira: “De madrugada, estando ainda escuro, ele levantou e retirou-se para um lugar deserto e ali orava”. No contexto literário do capítulo 1 de Marcos, subentende-se que Jesus havia saído da casa onde havia curado a sogra de Pedro e pernoitado em um lugar deserto, solitário. Ninguém notara quando Jesus saiu. Mas por que esse detalhe é importante na narrativa? Provavelmente para salientar que, na pessoa de Jesus, a missão tem como fonte inspiradora a oração e, ambas, constituem uma unidade indissolúvel. Refugiar-

se para orar é um momento precioso que não deve ser tratado como um simples devocionário cultural-religioso. O cultivo da mística pessoal é o caminho para desenvolver uma espiritualidade, isto é, um modo peculiar de viver e agir segundo um espírito. No caso de Jesus, é o espírito do Deus de sua cultura religiosa, em sucessivos encontros oracionais, que lhe proporciona uma crescente intimidade.

No Evangelho segundo Marcos, em outros trechos, Jesus é apresentado em busca de locais desertos para cultivar a espiritualidade demonstrando sua intimidade com Deus:

- Mc 1,12: “E logo o Espírito o impeliu para o deserto”.
- Mc 14,32-46: No *Getsêmani* com os discípulos, afasta-se para orar sozinho.
- Mc 9,2-13: No Tabor, provavelmente em oração, Jesus se transfigura diante de três discípulos: Pedro, Tiago e João.

Em Mc 1,36-39, última parte da perícopre objeto do presente estudo, Simão e seus companheiros interrompem a oração de Jesus e se convertem em porta-vozes dos sentimentos da gente da cidade que, impressionadas com as curas de Jesus, procuram-no ansiosamente (vv. 36-37). Contudo, Jesus não os atende e deixa Cafarnaum em direção às aldeias vizinhas, para que ali também siga “pregando”⁷ nas sinagogas dos judeus “e expulsando os demônios”. Não está dito o conteúdo da pregação, mas, conforme Mc 1,14, trata-se da proclamação do Evangelho, alegre anúncio da irrupção do Reino de Deus.

A partir de Mc 1,32-39, como sugere Joachim Gnilka (1992, p. 104), pode-se perceber três pontos de interesse que perpassam toda narrativa do Evangelho segundo Marcos:

- a) apresentar Jesus atuando no seu contexto histórico (Galileia), animado por uma espiritualidade (fortalecida na mística da oração) que o impulsiona a dar uma resposta prática aos problemas reais e imediatos do povo;

⁷ “Pregando” e “proclamando” são formas verbais que, em grego, derivam do substantivo κήρυγμα /*kerygma*/. Na exegese moderna, o termo “Querigma” adquiriu um significado mais restrito, que designa a pregação do Evangelho por Jesus e seu discipulado (DICIONÁRIO ENCICLOPÉDICO DA BÍBLIA, 2013, p. 1122, verbete “Querigma”).

- b) demonstrar que o poder da pregação de Jesus (proclamação da chegada do Reino de Deus) e sua atuação poderosa expulsando forças maléficas (demônios) constituem uma unidade coerente e complementar”;
- c) evidenciar a falta de compreensão do discipulado (na pessoa de Pedro) diante do *modus operandi* de Jesus.

Desse modo, a relação entre espiritualidade e saúde emerge do texto marcano como importante interpelação à fé e à prática das novas gerações de discípulos e discípulas de Jesus, que buscam inspiração no modo de ser e de agir desse Messias inusitado. É o que será abordado a seguir, por meio de uma breve reflexão teológica.

2 Espiritualidade e saúde como prática cristã

A narrativa de Marcos (1,32-39), ao apresentar o *modus operandi* de Jesus, abre caminho para que seja ampliado o raio de ação da missão evangelizadora. O que foi iniciado por Jesus deve ser continuado por seu discipulado. No próprio Evangelho, está narrado mais adiante que “Ele constituiu Doze apóstolos (número dos novos chefes do povo eleito, que foi outrora o número das tribos de Israel) para que ficassem com ele, para enviá-los a pregar e com autoridade para expulsar demônios” (Mc 3,14-15).

Trata-se, portanto, de uma pregação que além de proclamar a irrupção histórica do Reino de Deus, deve ser exercida com autoridade sobre as forças do mal. Para tão grandiosa e difícil missão, faz-se necessário cultivar uma espiritualidade própria, por meio da oração particular, em profunda intimidade com Deus. Essa observação perpassa todo Evangelho segundo Marcos e está constatada desde o primeiro capítulo: “De madrugada, estando ainda escuro, ele levantou e retirou-se para um lugar deserto e ali orava” (Mc 1,35).

De acordo com Xabier Pikaza (1993, p. 89-90), a oração de Jesus é, antes de tudo, encontro que leva à experiência pessoal de proximidade com Deus, a quem chama de “pai”, *Abba*, no sentido de forte intimidade e confiança. Trata-se de um relacionamento para com Deus tão inusitado, que Marcos conservou essa palavra em sua forma original, em aramaico (Mc 14,36). Nessa relação de

intimidade amorosa, o filho vai se percebendo como uma expansão da existência do pai. Essa unidade pessoal do Pai com o Filho se define em forma de oração, como indica de maneira exemplar Mt 11,27: “ninguém conhece o Filho senão o Pai, e ninguém conhece o Pai senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar”. Conhecer é entregar-se, em amor profundo e completo. Assim se entregam e conhecem, em gesto de oração, o Pai e Jesus. A oração é elemento primordial, constitutivo dos seres pessoais; é a forma que eles têm de se encontrar e se realizar.

Por meio da oração de intimidade com Deus, Jesus vai dando forma à sua espiritualidade na ação, configurando o seu modo de ser e de agir ao Espírito de Deus, o Deus da Vida, conforme a tradição religiosa judaica. Trata-se, portanto, de uma espiritualidade fecunda, fértil, a ponto de gerar vida saudável nas pessoas, restaurando-lhes a dignidade no sentido pleno da palavra.

Ao longo de sua missão, o Jesus segundo Marcos não só cultivou a oração pessoal, como também incentivou seu discipulado a fazer o mesmo. Chamou a atenção dizendo que determinadas doenças exigem muita oração. Ao descer do monte da transfiguração, Jesus recebe a reclamação de que seus discípulos não conseguiram curar um menino tomado por um espírito que o deixa “mudo” e epilético (Mc 9,14-19). Jesus classificou tal falta como sinal de incredulidade (Mc 9,19) e depois curou o menino (Mc 9,20-27). Em particular, os discípulos perguntaram sobre a razão de curar o menino e a resposta de Jesus foi clara: “Essa espécie não pode sair a não ser com oração” (Mc 9,29).

Logo, pode-se interpretar que Jesus recomendou uma prática disciplinada de comunhão com Deus. A cura virá quando acompanhada de crescimento espiritual capaz de salvar a pessoa de forma integral. A busca da saúde reduzida aos aspectos puramente biológicos e materiais aproxima-se mais das terapias curandeiras.

Jesus não foi um simples curandeiro, mas um carismático que exerce autoridade e causa fascinação sobre as pessoas do seu entorno (Mc 1,27-28). Sua fama se expande por toda região da Galileia porque o que ele proclama, a chegada dos tão esperados tempos messiânicos, concretiza-se por meio das curas e

exorcismos que realiza. Ele é um taumaturgo⁸, pessoa cujo poder de curar está no cultivo de uma espiritualidade que causava admiração e lhe conferia autoridade diante das pessoas.

O carismático taumaturgo exerce seu ministério em meio às demandas de curas imediatas, situando-se na dimensão da fé, por meio do cultivo pessoal da espiritualidade (THEISSEN; MERZ, 2002, p. 337). Do contrário, seria um mero “curandeiro em um mundo de curandeiros”. Esse é o título de um dos excelentes capítulos do livro sobre Jesus, do biblista Giuseppe Barbaglio (2011, p. 219-259).

John Dominic Crossan (2004, p. 372) apresenta estudos que distinguem três tipos de taumaturgos, que aparecem agindo em contextos diversos ao longo da história, como portadores, suplicantes ou mediadores de poder numinoso (9^o). Em outras palavras, os estudos examinaram se os taumaturgos realizavam a cura por autoridade inerente, por meio de orações, ou por invocações dirigidas ao poder de algum ser divino. Ao examinar Jesus nas narrativas dos evangelhos, colocaram-no entre os “portadores”, ou seja, pessoas que incorporam um poder divino. Jesus age, segundo os Evangelhos, com poder de cura e atua como o meio da atividade salvífica de Deus.

Assim, dentro do seu contexto histórico-cultural, Jesus insere-se com poder divino, tendo como objetivo impor a derrota final das forças maléficas que adoecem as pessoas. O alcance escatológico¹⁰ das ações taumatúrgicas de Jesus revelam o início do fim dos tempos, une dois mundos culturais, que anteriormente não tinham sido unidos: a espera apocalíptica da salvação futura universal e a realização em episódios concretos da salvação no presente por meio das curas miraculosas que resgatam a saúde do povo (BARBAGLIO, 2011, p. 256).

⁸ Taumaturgo, pessoa que faz taumaturgia (do grego θαύμα, *thaûma*, “milagre” ou “maravilha” e ἔργον, *érgon*, “trabalho”), realiza ações extraordinárias, milagres com poderes vindos do divino, de Deus. Sobre a prática taumatúrgica de Jesus, há um interessante capítulo (o VII), no livro de Giuseppe Barbaglio (2011, p. 219-259), que trata da atividade de Jesus como taumaturgo e exorcista num mundo de curandeiros.

⁹ “Numinoso” é um conceito derivado do latim *numen*, que remete a um sentimento espiritual ou religioso inspirador por meio do contato com o mistério divino, despertando força, energia, clareza, iluminação. O termo foi popularizado pelo teólogo alemão Rudolf Otto em seu livro de 1917, *Das Heilige* (em português, “O Sagrado”) (OTTO, 2007).

¹⁰ “Escatológico”: relativo à “escatologia”, do grego *eschaton*, “fim”, e *logos*, “doutrina”, significa literalmente doutrina da coisa última; refere-se à reflexão ou estudo a respeito “das coisas últimas” (*De novissimis*). De maneira geral a escatologia trata do fim e do cumprimento da criação, e da história (individual e universal) da salvação, realizando a esperança cristã: tudo o que Deus criou chega agora à plenitude (LACOSTEE, 2014, p. 620, verbete “escatologia”). Os Evangelhos foram escritos nesse clima escatológico de fim dos tempos, com a chegada do Cristo que inaugura os tempos messiânicos, tão esperados sobretudo em tempos de crise e caos.

A Teologia Cristã vê realizar-se em Jesus a Boa-Notícia da irrupção na história do Reino de Deus: “Cumpriu-se o tempo e o Reino de Deus está próximo”. Mas é necessário e urgente mudar de comportamento e confiar no Evangelho (Mc 1,15). Toda essa reflexão teológica posterior que, inclusive, está muito bem trabalhada no livro “Teologia e Saúde” (MARTINS; MARTINI, 2012), provém, na prática, do *modus operandi* de Jesus, cuja atividade taumatúrgica, fundamentada na experiência mística de intimidade com Deus, cura enfermidades e até salva pessoas da morte.

A espiritualidade que se espelha nessa experiência é, portanto, salvífica, centrada na atividade taumatúrgica de Jesus Cristo (LACOSTE, 2014, p. 1594, verbete “salvação”). A cura e a recuperação da saúde surgem num contexto literário soteriológico, numa verossimilhança com a realidade. Em Marcos, na narrativa de cura da mulher com fluxo de sangue, Jesus afirma: “Minha filha, a tua fé te salvou; vai em paz e fique curada desse teu mal” (Mc 5,34). No texto paralelo de Mateus, fica claro que “desde aquele momento a mulher foi salva” (Mt 9,22).

Essa experiência salvífica, soteriológica, foi se constituindo parte central da espiritualidade cristã que, justamente por isso, não é espiritualista, desencarnada, descolada da realidade. A genuína espiritualidade cristã faz-se carne nas pessoas e se irradia nas relações interpessoais e comunitárias (daí ter forte característica comunitária, eclesial). A espiritualidade cristã se materializa, desse nodo, na ação dos discípulos e discípulas missionários que se empenham na promoção da vida por meio da recuperação da saúde do povo; tem seu fundamento em Jesus Cristo, conforme relatos de fé da primeira geração das testemunhas oculares que conviveram com Jesus.

Mesmo que a plenitude da revelação esteja em Cristo Jesus, a missão de Cristo não cessou. Como afirmou o grande teólogo uruguaio Juan Luis Segundo, a missão de Jesus Cristo “completa-se e completa o Reino de Deus apoiando-se em nós”. Isso significa que as pessoas que compactuam com a fé (confiança) no projeto “cristão” participam da experiência da Boa Notícia humanizadora do Jesus Cristo Vivo, que tem como objetivo restaurar e salvar vidas ameaçadas pelas forças ameaçadoras que levam à morte prematura. Conclui o autor: “se Ele foi

constituído filho de Deus em poder, nós, seus irmãos, somos igualmente constituídos filhos nele” (SEGUNDO, 1991, p. 442-443).

As pessoas que se nutrem da espiritualidade cristã são chamadas a participar da missão de Cristo Jesus, cuja atividade messiânica consiste em promover vida, restaurar saúde e salvação para todos. Desde suas origens, essa espiritualidade foi se formando na perspectiva da chegada definitiva da “plenitude dos tempos”: o tempo se cumpriu (Mc 1,15). O evento central da salvação pressupõe, portanto, a atividade taumatúrgica de Jesus, que cura doenças e expulsa demônios (Mc 1,39). Foi nessa perspectiva que as primeiras comunidades cristãs compreenderam Jesus como o Messias e assim apresentaram-no ao mundo.

Mesmo quando a ligação entre milagre e messianidade denuncia uma redação pós-pascal¹¹, persistia a expectativa messiânica judaica de que o poder das forças do mal (que torna as pessoas doentes e endemoninhadas) seria rompido com a vinda do Messias. Nesse sentido, a dimensão escatológica dos exorcismos realizados por Jesus é amplamente confirmada na pesquisa neotestamentária. Os exorcismos são símbolos e sinal da irrupção do Reino de Deus (Mt 12,28; Lc 11,20). Por meio deles, combate-se o mal. As curas e exorcismos não eram uma característica própria do movimento de Jesus, mas a compreensão desse fenômeno como luta contra o poder de Satã (Lc 10,18) dava a entender, na cultura religiosa judaica, que Jesus de Nazaré era o Messias esperado (VOIGT, 2014, p. 158).

As narrativas de curas e exorcismos de Jesus, alimentadas por sua espiritualidade judaica, contêm um protesto contra o sofrimento humano, consequência da pobreza que gera fome, desnutrição, enfermidades diversas, mortes e revoltas generalizadas. Sempre que as pessoas ouvirem essas histórias, elas não vão ficar conformadas com o fato de não haver nenhuma cura para muitos doentes, de não haver para os que estão em situação de vulnerabilidade nenhum teto neste mundo! Sempre que essas histórias forem narradas, as pessoas vão deixar de virar as costas para os enfermos que padecem sem

¹¹ “Pós-pascal”, isto é, após a experiência feita pelas testemunhas oculares da paixão, morte e ressurreição de Jesus.

esperança. Sempre que essas narrativas forem refletidas e aprofundadas, lembrar-se-ão do testemunho de Jesus de Nazaré, que assumiu com compaixão a dor dos empobrecidos, procurando lhes dar uma resposta imediata, enfrentando com medo e coragem todos os perigos dessa missão até às últimas consequências (THEISSEN; MERZ, 2002, p. 338),

A atuação em prol da restauração da vida das pessoas serviu como testemunho messiânico. Na narrativa do Evangelho de Lucas, Jesus disse aos discípulos de João Batista, quando vieram lhe perguntar se ele era o Messias: “Ide contar a João o que vedes e ouvis: os cegos recuperam a vista, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e aos pobres é anunciado o Evangelho; e feliz aquele que não ficar escandalizado por causa de mim!” (Lc 7,22-23).

Fazendo alusão ao profeta Isaías (29,18s; 35,55; 42,18; 61,1), Lucas deixa claro que está instaurado, na prática compassiva e solidária de Jesus, os esperados tempos salvíficos. Três aspectos são apresentados: 1) curas e até ressurreição de mortos; 2) anúncio da Boa-Nova aos pobres; 3) uma bem-aventurança dirigida a quem está com a disposição de compactuar com o projeto salvífico do Messias Jesus Cristo. Tem-se, portanto, uma clara alusão à continuidade desse projeto que, de fato, aconteceu, ao longo dos séculos, apesar das dificuldades até hoje de implantação do Reinado de Deus em meio aos reinos desumanos deste mundo.

A espiritualidade cristã é, nesse contexto desafiador, fonte de energia necessária para animar o discipulado de Jesus a perseverar na missão de cuidar da saúde das pessoas necessitadas, em meio ao trabalho evangelizador. Nesse sentido, Fernando Altemeyer Júnior, ao se referir ao tema do cuidado da Igreja em favor da pessoa, afirma que essa ação consiste em dar corpo à mensagem de Jesus:

Evangelizar é verbo de ação. Portanto mais que um livro, um texto ou uma escrita, a ação da Igreja é seguir uma pessoa e ser companheira de seus sonhos e utopias em favor do Reino de Deus. É encarnar-se como Deus se fez humano em Jesus... E defender a vida e a paz na esperança da partilha e do amor que cuida e se faz serviço. (ALTEMEYER JÚNIOR, 2019, p. 472).

Na linha de reflexão de que evangelizar é defender e promover a vida por meio do amor que cuida e se faz serviço às pessoas mais necessitadas, pode-se vislumbrar um excelente itinerário de vida cristã. Trata-se do autêntico seguimento de Jesus Cristo. Fazer a experiência de trilhar o caminho de Jesus é configurar uma experiência mística que, segundo Maria Clara Bingemer (2004, p. 126), “tem profundas repercussões corpóreas nos gestos e posturas de amor e reverência que o amor de Deus delicadamente lhe vai ensinando como um amante à amada”.

Essa perspectiva já vem sendo vislumbrada desde a década de 1960, conforme lembrou o teólogo Francisco Álvarez (2013, p. 29), quando teólogos e pastores despertaram a atenção “acerca da necessidade de recuperar a interpretação terapêutica do mistério da salvação e, portanto, sua tradução salutar na ação evangelizadora”. O autor salienta que isso teve repercussões importantes:

O Conselho Mundial das Igrejas, reunido em Tubinga (Alemanha) em 1965, exprimia o desejo de um maior envolvimento da comunidade cristã na saúde dos indivíduos e da sociedade. Esse desejo, cada vez mais urgente, obedecia à convicção de que a Igreja tem uma incumbência de grande alcance na promoção da saúde pessoal e comunitária. Uns anos antes, em uma reunião em Munique (Alemanha), especialistas europeus da pastoral no mundo da saúde se perguntavam de que modo fundamentar bíblica e teologicamente sua ação. Já não basta a teologia do sofrimento, da doença e da morte, dizia-se: é necessário acrescentar a “da saúde”. Em diversas Igrejas (e esse é um dado significativo), deixara-se de falar de “pastoral dos enfermos” e passara-se a falar de *Pastorale de la Santé*, *Pastorale Sanitaria*, *Pastoral Health Care*. (ÁLVAREZ, 2013, p. 29-30).

Hoje, seguindo a atual reflexão teológica sobre a saúde, já se configura um campo promissor à Teologia, com a contribuição de teólogos especialistas nessa área, biblistas e agentes de pastoral do mundo da saúde. E é urgente que mais e mais pessoas se envolvam nesse trabalho. O Papa Francisco, na Encíclica *Fratelli Tuti*, sobre a fraternidade, sororidade e amizade social, afirma que, passada a crise sanitária em que milhares de pessoas perderam a vida com a pandemia do Covid 19,

Oxalá não seja mais um grave episódio da história cuja lição não fomos capazes de aprender.

Oxalá não nos esqueçamos dos idosos que morreram por falta de respiradores, em parte como resultado de sistemas de saúde que foram sendo desmantelados ano após ano.

Oxalá não seja inútil tanto sofrimento, mas tenhamos dado um salto para uma nova forma de viver e descubramos, enfim, que precisamos e somos devedores uns dos outros, para que a humanidade renasça com todos os rostos, todas as mãos e todas as vozes, livre das fronteiras que criamos. (PAPA FRANCISCO, 2020, n. 35).

A Religião Cristã, desse modo, tem importante papel de interpelar as pessoas de fé e àquelas sensíveis às causas humanas a se comprometerem definitivamente com a promoção da saúde, compreendida como um dom vinculado à vida pessoal e comunitária. Essa, talvez, tenha sido a grande lição que a pandemia tem deixado, nestes últimos anos.

Considerações finais

Do ponto de vista da Teologia bíblica, os textos acima analisados revelam no *modus operandi* de Jesus uma espiritualidade fértil, capaz de gerar vida saudável onde quer que ele se encontrasse em sua ação missionária, tanto no espaço público como no espaço privado. Por meio dessa profícua relação entre espiritualidade e saúde, a atuação missionária de Jesus com poder sobre as forças do mal, revelam a irrupção do Reino de Deus num contexto histórico bastante ameaçador do reino de Herodes: “Depois que João foi preso, veio Jesus para a Galileia proclamando o Evangelho de Deus: ‘Cumpru-se o tempo e o Reino de Deus está próximo. Arrependei-vos [convertei-vos] e crede no Evangelho’” (Mc 1,14-15).

“Cumpru-se o tempo”. É o *kairós*, o tempo oportuno e favorável, categoria da linguagem profético-apocalíptica para designar a história como marcha dos acontecimentos salvíficos, em última análise, dirigida por Deus. Discípulos e discípulas missionários e missionárias, dando continuidade ao projeto messiânico de Jesus, agem corajosamente, em meio às ameaças de morte, em prol da vida, animados pela espiritualidade cristã, viabilizam o desígnio divino de salvação.

Aqui reside o mistério do tempo. De um lado, o campo está aberto à ação humana, daí a interpelação à conversão, à mudança de comportamento no aqui e agora da história. Doutro lado, é como se Deus fixasse os tempos, o momento exato, possibilitasse oportunidades de crise e decisão, ocasiões em que o tempo

cronológico como que se concentrasse com o tempo kairótico da graça e tornasse possível um salto qualitativo adiante, na perspectiva da visibilização do Reino de Deus, que já está presente de algum modo, mas ainda não plenamente.

As ações de Jesus narradas nos Evangelhos, motivadas por profunda intimidade com Deus, recuperam a saúde das pessoas e tornam presente esse novo tempo de salvação. Colocam os fundamentos de uma nova sociedade, convidando à sua constante edificação por meio da misericórdia visceral que inclui a integralidade da saúde num grande projeto salvífico para toda a humanidade. Proclamar, promover, exigir e lutar por cuidados e programas de assistência nas casas e comunidades, mesmo nos lugares mais desassistidos, combina com a liturgia da oração vigilante que (re)vive o Getsêmani, na esperança da ressurreição.

De fato, em última análise, o mais importante, o verdadeiramente fundamental é a mudança do comportamento humano, *metanoia*, termo grego traduzido por conversão. E isso só é possível por adesão, baseada na livre e espontânea vontade, no uso do livre arbítrio, a partir de princípios internalizados e adotados como novo padrão de comportamento no qual a pessoa se recolhe para orar, a fim de receber do Deus da Vida, as energias necessárias para exercer a missão de cuidar da saúde e salvar da morte, pessoas reais da grande multidão que estão excluídas e em situação de vulnerabilidades.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ALTEMEYER JÚNIOR, Fernando. Ação da Igreja em favor da pessoa na sociedade nacional e internacional. In: SOUZA, Ney; SBARDELOTTI, Emerson (orgs.). **Puebla: Igreja na América Latina e no Caribe: opção pelos pobres, libertação e resistência**. Petrópolis: Vozes, 2019.

ÁLVAREZ, Francisco. **Teologia da saúde**. São Paulo: Paulinas, 2013.

BARBAGLIO, Giuseppe. **Jesus, hebreu da Galileia**. Pesquisa bíblica. São Paulo: Paulinas, 2011.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.

BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. Gênero, mística e violência (três mulheres judias diante de Deus e da violência do Holocausto). In: TEIXEIRA, Faustino (org.). **No limiar do mistério**: mística e religião. São Paulo: Paulinas, 2004.

CROSSAN, John Dominic. **O nascimento do Cristianismo**. O que aconteceu nos anos que se seguiram à execução de Jesus. São Paulo: Paulinas, 2004.

DICIONÁRIO ENCICLOPÉDICO DA BÍBLIA. São Paulo: Loyola; Paulus; Paulinas. Santo André: Academia Cristã, 2013.

FABRIS, Rinaldo. O Evangelho de Marcos. In: FABRIS, Rinaldo; BARBAGLIO, Giuseppe. **Os Evangelhos I**. São Paulo: Loyola, 2014.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio**: o dicionário da língua portuguesa. Curitiba: Positivo, 2010.

GNILKA, Joachim. **El evangelio segun San Marcos**. Vol. I: Mc 1,1 – 8,26. Salamanca: Sigueme, 1992.

HORSLEY, Richard A. **Arqueologia, história e sociedade na Galileia**. O contexto social de Jesus e dos Rabis. São Paulo: Paulus, 2000.

KONINGS, Johan. **A Bíblia**: sua origem e sua leitura. Petrópolis: Vozes, 2011.

LACOSTE, Jean-Yves. **Dicionário crítico de teologia**. São Paulo: Loyola; Paulinas, 2014.

MARGUERAT, Daniel. BOURQUIN, Yvan. **Para ler as narrativas bíblicas**. Iniciação à análise narrativa. São Paulo: Loyola, 2009.

MARTINS, Alexandre Andrade; MARTINI, Antonio. **Teologia e saúde**. Compaixão e fé em meio à vulnerabilidade humana. São Paulo: Paulinas, 2012.

MYERS, Chad. **O Evangelho de São Marcos**. São Paulo: Paulinas, 1992.

OTTO, Rudolf. **O Sagrado**: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional. São Leopoldo: Sinodal-EST; Petrópolis: Vozes, 2007.

PAPA FRANCISCO. **Fratelli Tutti**. Sobre a Fraternidade e a amizade social. São Leopoldo: Sinodal; Paulo: Paulinas, 2020.

PIKAZA, Xabier. **Oração cristã**. Petrópolis: Vozes, 1992.

SCHIAVO, Luis. SILVA, Valmor da. **Jesus**: milagreiro e exorcista. São Paulo: Paulinas, 2008.

SEGUNDO, Juan Luis. **O dogma que liberta**. Fé, revelação e magistério dogmático. São Paulo: Paulinas, 1991.

THEISSEN, Gerd; MERZ, Annette. **O Jesus histórico**: um manual. São Paulo: Loyola, 2002.

VIDAL, Sénen. **Jesus, o Galileu**. São Paulo: Loyola, 2009.

VOIGT, Emilio. **Contexto e surgimento do movimento de Jesus**: as razões do seguimento. São Paulo: Loyola, 2014.